

Pablo
Rossi
Piano

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2008

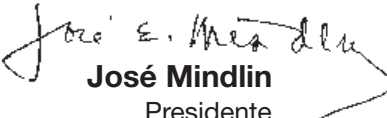
CONCERTO
EXTRA-ASSINATURA

Noite de gala

Música e palavras simples se fundem nesta noite tão especial:

- música, das melhores, tocada pelo jovem talento brasileiro Pablo Rossi, inaugurando o novo Steinway de nossa Cultura Artística;
- palavras de agradecimento, as mais sinceras, ao casal Yara e Roberto Baumgart e a Ursula Baumgart, pela generosa doação do piano *Steinway Grand Concert*, que acaba de chegar de Hamburgo diretamente para o palco da Cultura Artística nesta noite de gala.

Parabéns, Pablo Rossi, e nosso muito obrigado, Família Baumgart,


José Mindlin
Presidente



Pablo Rossi

Piano

Dentre os onze primeiros lugares conquistados por Pablo Rossi em concursos brasileiros e internacionais de piano, cumpre destacar seus êxitos no VII Concurso Nacional de Piano Magda Tagliaferro (São Paulo, 1998), no XIII *Encuentro Internacional de Niños y Jóvenes Músicos* (Córdoba, Argentina, 2001), no XI Concurso Internacional de Piano Cidade de Carlet (Espanha, 2002) e no referido I Concurso Nacional Nelson Freire. Pablo tem participado também de cursos e *master classes* ministrados por renomados mestres do piano, como Alexander Mndoyants, Viktor Merzhanov e Stephen Kovacevich.

Como solista de concerto, o músico vem se apresentando ao lado de importantes orquestras de nosso país, como a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfônica Brasileira, a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, as Orquestras Sinfônicas do Paraná, de Santa Catarina, de Ribeirão Preto, de Sergipe e de Salvador, e das orquestras de câmara Solistas de Londrina e Camerata *Antiqua* do Paraná. Dentre os regentes com os quais já tocou, destacam-se os nomes de Roberto Minczuck, Anton Nanut, Abel Rocha, Yeruham Scharovsky, Cláudio Cruz, Marcos Arakaki, Carlos Moreno, José Nilo Valle, Osvaldo Ferreira, Evgueni Ratchev, Ion Bressan e Ligia Amadio.

Vencedor do I Concurso Nacional Nelson Freire para Novos Talentos Brasileiros, realizado no Rio de Janeiro em 2003, Pablo Rossi vem compondo uma história musical e artística admirável. Nascido em 1989, o jovem pianista desperdou para esse instrumento aos seis anos de idade. Único em sua família a apresentar inclinação para a música, iniciou os estudos pianísticos em sua Florianópolis natal, com o professor Álvaro da Silva, e apenas um ano depois conquistava seu primeiro prêmio, na edição de 1996 do Concurso Jovens Intérpretes de Lages, em Santa Catarina. Sua dedicação ao piano clássico levou-o a buscar aprimoramento em Curitiba, com Olga Kiun, professora russa radicada no Brasil, sob cuja orientação permaneceu entre 1998 e 2006. Agraciado com bolsa de estudos pelo Governo do Estado de Santa Catarina, o artista reside atualmente em Moscou, onde cursa a Faculdade de Piano do Conservatório Tchaikovsky de Moscou, na classe da renomada pianista e professora Elisso Virsaladze.

A *première* internacional do pianista deu-se em recital na edição de 2004 da Semana Musical Llao Llao, prestigiado evento de música que se realiza anualmente no Hotel Llao Llao, na cidade argentina de Bariloche. Na Europa, Pablo Rossi estreou em outubro de 2006, no *Steinway Hall* de Londres, a convite da fundação inglesa *The Keyboard Trust*, em elogiado recital registrado em CD. Na seqüência de sua estréia inglesa, realizou 15 apresentações na Europa e nos Estados Unidos: ao longo de oito meses, tocou na Itália (em Roma, Verona, Vicenza e Trento), em Hamburgo, na Alemanha, em Moscou, na Rússia, e nas cidades norte-americanas de Nova Iorque e Delaware. Recentemente, apresentou-se com excelente repercussão no Teatro Kremlin de Moscou – ao lado da Orquestra de Câmara do Kremlin, sob regência de Misha Rachlevsky – e também em Roma, na abertura da série Música Brasileira na Sala Palestrina, promovida pela Embaixada Brasileira na Itália.

MANTENEDORES E AMIGOS – 2008 SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Alvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Arsenio Negro Junior
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo L. P. R. de Almeida
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolyneć
EPU – Editora Pedagógica e Universitária
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernando Xavier Ferreira
Fernão Carlos B. Bracher
Gioconda Bordon
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Queiroz Guimarães
José E. Mindlin
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Marcio Augusto Ceva
Maria Izabel Piza da Silva Gordo
Mario Arthur Adler
Marlene e Gerard Arnhold
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Nelio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Nelson Reis
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Pedro Stern
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Sandor e Mariane Szego
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
4 mantenedores anônimos

AMIGOS

Adroaldo Moura da Silva
Alberto Emanuel Whitaker
Aleksander e Suzana Mizne
Alexandre Grain de Carvalho
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Ana Paula Fernandes Nogueira da Cruz
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnaldo Malheiros
Benedito Mauro Rossi
Bruno Musatti
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Cassio A. Macedo da Silva
Cassio Casseb Lima
César Tácito Lopes Costa
Claudia A. G. Musto
Cláudio Roberto Cernea
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobarán
Eduardo T. Hídal
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elio Sacco
Erwin Herbert Kaufmann
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fátima Zorzato
Felipe e Hilda Wroblewski
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Gerard Loeb
Giancarlo Gasperini
Giovanni Guido Cerri
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Heloisa Pereira de Almeida Martins
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Hilda Mayer
Horacio Mario Kleinman
Iosif Sancovsky
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Janos e Wilma Kövesi
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kombluh
João Baptista Raimo Jr.
Jorge Diamant
Jorge e Liana Kaill
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Roberto Mendonça de Barros
José Theophilo Ramos Junior
Kaill Cury Filho
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lília Salomão
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
M&H Alliance SS Ltda.
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Maria Bonomi
Maria Malta Campos
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marianne e Ruy George Fischer
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higinio N. M. Leonel

Lista atualizada em 18 de abril de 2008.



Benfeitores Cultura Artística

Benfeitores Platina

Aliança do Brasil

Bovespa – Bolsa de Valores
de São Paulo

Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Pinheiro Neto Advogados

Suzano Papel e Celulose

Benfeitores Prata

Opinião

Sifra

Benfeitores Bronze

Grupo CCE

Livraria Cultura

PRÓXIMOS CONCERTOS

Teatro Cultura Artística

Nelson Freire Piano

Série Branca, 5 de maio, segunda-feira

Concerto Extra-assinatura, 8 de maio, quinta-feira

Mozart Sonata em Lá maior, K.331

Beethoven Sonata opus 110

Chopin Barcarola em Fá sustenido maior

Debussy 8 Prelúdios (Primeiro Livro)

Série Azul, 6 de maio, terça-feira

Bach/Ziloti Prelúdio para Órgão, BWV.535

Bach Fantasia Cromática e Fuga, BWV.903

Schumann Cenas Infantis

Shostakovich 2 Prelúdios, opus 34

Scriabin Poema opus 32, nº 1

Chopin Sonata nº 3

Sala São Paulo

Staatskapelle Berlin

Daniel Barenboim Regência

Concerto Extra-assinatura, 25 de maio, domingo

Wagner Abertura de *Os Mestres Cantores*

Wagner Prelúdio e Liebestod de *Tristão e Isolda*

Bruckner Sinfonia nº 7

Concertos Amarelos, 26 de maio, segunda-feira

Schoenberg Cinco Peças para Orquestra, opus 16

Bruckner Sinfonia nº 8

Concertos Vermelhos, 27 de maio, terça-feira

Schoenberg Variações para Orquestra, opus 31

Bruckner Sinfonia nº 9

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2008 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Robert Schumann (1810 – 1856)

Fantasiestücke (Peças de Fantasia), opus 12

26'

Des Abends (À tardinha)

Aufschwung (Impulso)

Warum? (Por que?)

Grillen (Quimeras)

In der Nacht (Dentro da noite)

Fabel (Fábula)

Träume wirren (Sonhos tumultuados)

Ende von Lied (Final do cântico)

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sonata para Piano nº 1, em Fá menor, opus 2, nº 1

17'

Allegro

Adagio

Menuetto: Allegretto

Prestissimo

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

5 Estudos, opus 10

12'

nº 1, em Dó maior

nº 3, em Mi menor

nº 4, em Dó sustenido menor

nº 5, em Sol bemol maior

nº 12, em Dó menor

Frédéric Chopin

Andante Spianato e Grande Polonaise Brillante, opus 22

14'

Os três geniais músicos que Pablo Rossi escolheu para o recital desta noite produziram suas obras-primas entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Foi igualmente nesse período que o velho *pianoforte*, que Bartolomeo Cristofori inventara nos primeiros anos do século XVIII, passou por importantes aperfeiçoamentos, que o transformaram em um dos instrumentos fundamentais da atividade musical do Ocidente. Vários fabricantes concorreram para o progresso do novo “piano de martelos”, como por exemplo os vienenses Stein e Bösendorfer, os alemães Bechstein (de Berlim) e Blüthner (de Leipzig), o inglês Broadwood e os franceses Erard e Pleyel, dentre muitos outros. Mas o mais duradouro nome ligado ao fabrico de pianos de concerto foi e continua a ser Steinway, sobrenome de uma família alemã que vem sendo associado, desde o século XIX, a instrumentos de primeira ordem, feitos tanto em Nova Iorque quanto em Hamburgo. A doação de um novo Steinway à Sociedade de Cultura Artística, feita pelo casal Yara e Roberto Baumgart e por Ursula Baumgart, e sua inauguração, realizada pelo jovem talento brasileiro Pablo Rossi, constituem uma dupla razão para que se comemore a data de hoje.

Robert Schumann (1810 – 1856)

Phantasiestücke (Peças de Fantasia), opus 12

Schumann foi o supremo mestre das miniaturas musicais, rebrilhos sonoros de expressão concentrada que costumam constelar galáxias inteiras de sentido. Trabalhando com arabescos e aforismos melódicos de inédito tom expressivo, com inusitados e audaciosos encaminhamentos harmônicos e com uma rítmica presente e vívida, mas por vezes ambígua e enganadora, ele nos legou uma multidão de peças curtas que, graças a ele, transformaram-se por vezes em labirínticas arquiteturas.

Dentre as principais obras que Schumann compôs em seu período pianístico mais fértil (1829 – 1840) destacam-se vários ciclos de peças curtas: *Papillons*, opus 2, *Intermezzi*, opus 4, *Carnaval*, opus 9, *Cenas Infantis*, opus 15, e, naturalmente, as Peças de Fantasia, opus 12, de 1837. O título dessa última coletânea provém de uma obra literária de E. T. A. Hoffmann banhada em clima de fantasias irônicas, sombrias e até mesmo algo mórbidas. As miniaturas do nosso compositor nos lançam, inesperadamente, ora à luz ofuscante da aparição de um meteoro, ora às trevas opressivas de um mal-estar psíquico, felizmente passageiro. Encadeadas em festões como que ao sabor do impulso do momento, essas pequenas peças são bem o retrato do jovem músico revoltado contra o conservadorismo de seu tempo, o qual ele desejava sacudir com sua arte re-

pleta de peripécias. As Peças de Fantasia não são música descritiva – seus títulos devem ser tomados mais como convites ao devaneio e às “ambientações semânticas” do imaginário do compositor do que propriamente como descrições precisas de coisas, gentes e lugares. Elas parecem ser aquilo que Harry Halbreich apontou: “paráfrases de poemas que nunca foram escritos”.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sonata para Piano nº 1, em Fá menor, opus 2, nº 1

Deixando Bonn em favor de Viena, para onde fora a fim de ter aulas com Haydn e Albrechtsberger em 1792, Beethoven logo começou a fazer sucesso na capital austríaca, sobretudo como pianista e improvisador. Seu catálogo de obras, aberto por três Tríos, em 1795, teria continuidade no ano seguinte com a publicação das Três Sonatas *opus 2* (“para cravo ou *pianoforte*”, como esclarecia a página de rosto). Elas abriam aquele que seria o mais importante ciclo de sonatas para piano de todos os tempos e que, até 1822, contaria com trinta e dois gloriosos exemplares. Esse monumento levaria o musicólogo inglês Denis Matthews a dizer: “ele ilustra, à perfeição, os quase infinitos recursos e a flexibilidade de uma forma musical determinada, quando nas mãos de um compositor de gênio”.

Pertencentes à primeira fase criativa do autor, as Sonatas *opus 2*, dedicadas ao professor Haydn, ainda revelam as influências do velho mestre e, também, de Mozart, os dois maiores compositores do Classicismo, antecessores do jovem vindo de Bonn. Nelas não se encontram os floreios pirotécnicos e decorativos tão em voga na música para teclado da época, feita para encantar ouvidos mais ou menos distraídos. O que já se tem aí é a vontade de construir, de transformar elementos sonoros aparentemente neutros – um acorde arpejado, uma escala, um grupo de acordes rítmico-harmônicos – em música dotada de significação mais profunda do que aquela feita apenas para divertir. Música para fazer sentir e pensar.

A obra que abre o ciclo de sonatas de Beethoven é exatamente a Sonata nº 1, em Fá menor, *opus 2*, nº 1. Como as outras duas da mesma coleção, ela possui quatro movimentos de caráter bastante contrastante e aborda a forma-sonata com clareza e concisão. O primeiro tema – seis notas ascendentes, seguidas de um arabesco bem rápido, repetido quatro vezes – é bem marcante. Depois de um *fortissimo*, surge o segundo tema, uma idéia que parece ser versão invertida e cantante do motivo inicial. É sobre esses elementos que o autor realiza as várias partes exigidas pela forma-sonata escolhida: exposição, desenvolvimento, recapitulação e coda.

O segundo movimento é um *Adagio*, em Fá maior, de fisionomia amável e elegante. A melodia principal é aí mostrada várias vezes, com pequenas modificações que asseguram a sensação de variedade do discurso. No seu final, uma nota dissonante, Ré bemol, vem colocar certa interrogação sobre o clima sereno da peça. Ernesto de La Guardia chamou-a de “a primeira *rêverie* de Beethoven”.

O *Menuetto – Allegretto* que se encontra em terceira posição faz a Sonata retornar ao Fá menor do início, em um andamento moderado. Sua seção inicial comporta duas partes, sendo a segunda aquela que mostra o tema, primeiramente enunciado em uníssono por ambas as mãos, para logo em seguida ser mostrado pela mão esquerda do pianista, enquanto a direita se encarrega de ornamentações. O *Trio*, em tom maior, faz belo contraste com a dança, por seu caráter de leve e fluente redemoinho.

O movimento final dessa Primeira Sonata para Piano de Beethoven é um *Prestissimo* contagiante, repleto de paixão. Aí, uma idéia principal é cercada por outras, episódicas – entre altos vãos líricos de doçura luminosa e pulsações rítmicas marcadas com enorme vigor. Exuberante, fazendo referências às formas do rondó e da sonata, esse fecho é bem uma prova de que o virtuosismo pode nascer da necessidade expressiva do compositor, em plena vivacidade da sua juventude.

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

Estudos opus 10

Andante Spianato e Grande Polonaise Brillhante, opus 22

Polonês que abandonou o seu país ainda muito jovem – e para jamais retornar –, Chopin encantou as primeiras platéias vienenses e parisienses que o ouviram em algumas de suas raras aparições públicas. Dono de uma técnica incomensurável, ele, entretanto, não a empregava como meio de exibição pirotécnica, mas como veículo para sua refinada sensibilidade. Foi, por isso, chamado de “poeta do piano” por Schumann, um dos primeiros a reconhecer seu efetivo gênio. Introverso, Chopin preferia mostrar-se às rodas de amigos ou em salões restritos do que se exibir em grandes salas de concerto, para um público anônimo. E seu estilo da maturidade mostraria bem essa tendência extraordinariamente lírica, que o fez escolher o piano como centro de sua atenção enquanto compositor. As peças pianísticas de Chopin exibem um melodismo enredante, extremamente belo e imprevisível. Suas melodias sinuosas ondulam sobre uma rítmica sutil, a qual, por sua vez, apóia-se sobre uma harmonia de concepção a um só tempo arejada e inovadora. Seu

universo sonoro é singular, de enorme originalidade, e o compositor deixou indelévels traços na música que seria, depois dele, escrita para piano.

Os 12 Estudos, *opus 10*, que Chopin dedicou ao amigo Liszt, foram publicados simultaneamente, em 1833, em Leipzig, Paris e Londres. As peças que integravam a coleção, contudo, haviam sido escritas anteriormente, a partir de 1827. Como “estudos”, destinavam-se a resolver problemas técnicos dos executantes. Mas não se limitaram a essa função didática, pois, além de conterem ousada música experimental, carregavam mensagens de especial significação. Dentre os mais célebres deles encontram-se: o Primeiro, em Dó maior, que faz as mãos do pianista percorrerem, com velocidade, todo o teclado do piano; o Terceiro, em Mi menor, que parece ser um noturno sonhador no desenrolar de sua bela melodia; o Quarto, em Dó sustenido menor, lembra Bach, ao colocar ambas as mãos em animado e veloz diálogo; o Quinto, em Sol bemol maior, no qual o leve e aéreo tema da mão direita se situa nas notas pretas do teclado; e o Décimo segundo, em Dó menor, batizado de “Estudo Revolucionário”, uma flamejante página que encerra o ciclo em pauta de efetiva rebeldia.

A Grande *Polonaise* Brillhante, precedida de um *Andante Spianato* (desembarçado), que recebeu o número de *opus 22*, foi um díptico publicado em 1836. Entretanto, tudo leva a crer que a partitura data de 1830, instante em que o compositor deixava Varsóvia. Na versão original, o piano tinha acompanhamento orquestral. Não se sabe quem foi o responsável pela sua transformação em peça para piano solo que, desde o tempo em que Chopin era vivo, faz enorme sucesso junto ao público. O compassado *Andante* espria-se por paragens nas quais ele é levemente ornamentado. Seu tema acaba por introduzir, de maneira bastante efetiva, a *polonaise*, que de dança aristocrática Chopin transformou em libelo libertário e patriótico.

Comentários por J. Jota de Moraes

- 5, 6 e 8 de maio
Teatro Cultura Artística
Nelson Freire Piano
- 25, 26 e 27 de maio
Sala São Paulo
Staatskapelle Berlin
Daniel Barenboim Regência
- 3 e 4 de junho
Teatro Cultura Artística
Vilnius Festival Orchestra
Krzysztof Penderecki Regência
- 2 e 3 de julho
Teatro Cultura Artística
Quarteto Alban Berg Cordas
- 11 e 12 de agosto
Sala São Paulo
Orquestra Sinfônica de Israel
Dan Ettinger Regência
Coral e solistas convidados
- 18 e 19 de agosto
Teatro Cultura Artística
Orquestra Filarmônica de Liège
Pascal Rophé Regência
Susan Graham Mezzosoprano
- 2 e 3 de setembro
Sala São Paulo
Hallé Orchestra
Mark Elder Regência
Polina Leschenko Piano
- 16 e 18 de setembro
Teatro Cultura Artística
Hespèrion XXI
Jordi Savall Regência e Viola da Gamba
Montserrat Figueras Soprano
- 21 e 22 de outubro
Teatro Cultura Artística
Jerusalem Chamber Ensemble
- 11 e 12 de novembro
Teatro Cultura Artística
Kodo Percussão do Japão

Datas e programação sujeitas a alterações.

PATROCINADORES DA TEMPORADA 2008